

CARLOS WALTER, O GEÓGRAFO DO AFETO

*CARLOS WALTER, GEOGRAPHER OF
AFFECTION*

*CARLOS WALTER, EL GEÓGRAFO DEL
AFECTO*

Pedro Henrique Rocha
Autores, não coloquem nenhum tipo de
identificação neste arquivo.

Resumo:

Incentivado pela Mesa Redonda Carlos Walter Porto-Gonçalves: um intelectual militante da Geografia, ocorrida no VIII CBG, o presente trabalho é um desdobramento das reflexões sobre a importância e a forma única de fazer Geografia de Carlos Walter. Revisitando alguns momentos de sua vida e algumas das relações que o conformaram como o *geógrafo-militante*, entendemos que o afeto é o adjetivo que melhor pode definir o geógrafo Carlos Walter. Nesse sentido, entendemos que a vida e a obra de Carlos são bons exemplos para indicar as influências e referências que o conformaram em um autor tão preocupado com a vida das pessoas e tão atento ao que elas tinham para ensinar. Por conta disso, destacamos a importância de Carlos como um geógrafo que pelo afeto ensinou uma forma única de fazer e pensar Geografia.

Palavras-chave: Carlos Walter,
Geografia, Afeto.

Terra Livre	São Paulo	Ano 39, v.2, n.63, jul-dez 2024	ISSN 2674-8355
-------------	-----------	---------------------------------	----------------

Abstract:

Encouraged by the Conference Carlos Walter Porto-Gonçalves: a militant intellectual in Geography, at the VII CBG, this work is an unfolding of reflections on the importance and unique way of doing Geography by Carlos Walter. Revisiting some moments in his life and some of relationships that shaped him as a militant geographer, we believe in affection that affection is an adjective that best defines the geographer, Carlos Walter. In this sense, we believe that Carlos' life and work are good examples of the influences and references that shaped him into an author so concerned with people's lives and so attentive to what they had to teach. Because of this, we emphasize the importance of Carlos as a geographer who, through affection, taught a unique way of doing and thinking about Geography.

Keywords: Carlos Walter, Geography, Affection.

Resumen:

Estimulado por la Mesa Redonda Carlos Walter Porto-Gonçalves: un intelectual militante en Geografía, que tuvo lugar en el VIII CBG, este trabajo es un despliegue de reflexiones sobre la importancia y la singular forma de hacer Geografía de Carlos Walter. Revisando algunos momentos de su vida y algunas de las relaciones que lo configuraron como geógrafo-militante, creemos que el afecto es el adjetivo que mejor define al geógrafo Carlos Walter. En este sentido, creemos que la vida e la obra de Carlos son buenos ejemplos de las influencias y referencias que lo configuraron como un autor tan preocupado por la vida de las personas y tan atento a lo que tenían que enseñar. Por eso, destacamos la importancia de Carlos como un geógrafo que, a través del afecto, enseñó una forma única de hacer y pensar la Geografía.

Palabras-clave: Carlos Walter, Geografía, Afecto.

O dia 6 de setembro de 2023 se tornou um daqueles dias que olhamos a data e sabemos que alguma coisa mudou. Até hoje lembro do momento em que me deparei com a notícia do falecimento do Carlos, era madrugada de 6 para 7 de setembro e depois de ficar um tempo sem mexer no celular, tomo um susto com a quantidade de mensagens existentes no grupo de WhatsApp “Amigos de Carlos Walter”, criado para difundir as notícias sobre ele e para reverberar os afetos plantados e colhidos ao longo de sua vida. Ao entrar no grupo a primeira reação foi esperar o pior, ao mesmo tempo em que tentava negar o pior. À medida que via as manifestações dos amigos no grupo o chão foi se abrindo e, na mesma medida, ia aumentando a intensidade da busca pela mensagem que confirmasse o que já estava óbvio, até que... achei:

“É com muita dor e tristeza que comunico que
o nosso amigo, mestre, luz passou [...]”

A partir dali o chão se desfez por completo e a vida, efetivamente, mudou.

Ao longo do tempo pude perceber que as mesmas coisas que senti (e ainda sinto) ao lembrar desse momento foram sentidas pelos demais integrantes do grupo e, em algum grau, pela Geografia brasileira. Não tardou a aparecerem inúmeras manifestações da Geografia, dos movimentos sociais, da Ciência, de personalidades públicas sobre o Carlos e o que ele representava para si mesmo e para o coletivo. Entre as manifestações, em meio ao luto, lembro das emitidas por Rogério Haesbaert.

A Geografia brasileira e latino-americana perdeu um de seus maiores representantes, aquele que pode ser considerado seu maior geógrafo da ação – ou geógrafo ativista, que tinha na luta por terra/território, junto aos movimentos sociais e

aos grupos subalternizados, a sua grande paixão
(Haesbaert, 2024, p. 1).

As de Ana Motta

[...] Era um poeta da geografia
Poetas não morrem, se transformam [...]¹

As da CPT

Nesta convivência de anos, Carlos Walter se revelava um ser humano grandioso, na atenção, na escuta e no carinho a todos e todas, em especial aos camponeses e camponesas. De verdade, queria e se entregava a construir novas relações humanas, sociais, políticas, ecológicas. Ansiava por um Brasil, uma América Latina e um mundo em harmonia, mas que fossem frutos da justiça, da igualdade e do respeito, conquistado pelos “de baixo” [...] (CPT, 2023).

As de Virgínia Fontes

Quero lembrar dele vivo, reencontrando o amigo que eu sabia que podia solicitar em qualquer momento. Trabalhamos juntos em muitas ocasiões e ele me ensinou a importância de refrear a aceleração de minhas indignações para garantir o tempo dos mais lentos, tão ou mais indignados. Embora ele próprio fosse um acelerado, esse aprendizado foi crucial [...]²

E as de Manuel Rozental

Se alguém foi capaz de ser, sendo território, este alguém é Carlos Walter, porque ele entendeu que a geografia é fazer-se com a mãe Terra e merecer ser seu filho.³

¹ Em uma mensagem pessoal enviada a família e amigos.

² Em uma mensagem pessoal enviada a família e amigos.

³ Em uma mensagem pessoal enviada a família e amigos.

Essas palavras, entre as inúmeras proferidas desde o dia 6 de setembro, nos dão a possibilidade de começar a compreender quem é Carlos Walter, qual a importância das relações para a sua produção científica, qual a importância dos afetos para a sua interpretação crítica de mundo, pelo que ele lutava e qual a sua importância para a vida das pessoas, para a Geografia, para os movimentos sociais, para a Ciência. Mas, melhor do que falar (ou melhor, falarmos) sobre Carlos, é ouvir (ou ler) a sua voz. Nesse sentido, tento nas próximas páginas deixar ecoar a sua voz para nos indicar as origens de sua formação, suas preocupações, suas influências e seus afetos.

As origens

Entre a vasta obra produzida por Carlos, uma é entendida por nós como a que melhor possibilita compreendermos as origens de seu pensamento: seu memorial apresentado à Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2017 para a obtenção do título de professor titular. Intitulada como *Uma Geobiografia Teórico Política: em busca de uma teoria social crítica a partir da Geografia*, vemos o próprio Carlos narrar a sua trajetória.

Logo na Introdução, ao explicar o nome dado ao seu memorial, vemos uma de suas marcas: o brincar com as palavras e a produção da Geo-grafia

A circunstância desse concurso proporciona a oportunidade de fazer um Memorial que abarque a trajetória intelectual, enfim, uma biografia. Gostaria de sugerir uma geobiografia. [...] Afinal, a biografia, como o nome indica – bio+grafia – é a trajetória de nosso corpo e, como sabemos, do espaço não dá para tirar o corpo fora. O corpo não está no espaço, o corpo na sua materialidade é o conjunto de nossas relações sociais-materiais com

outros corpos através do que constitui o espaço que nos constitui (Porto-Gonçalves, 2017, p. 1).

Filho de família operária e morador do Engenho Novo (RJ) na infância, trouxe em seu corpo as vicissitudes das condições de classe e as consequências do contexto do nacional-desenvolvimentismo dos anos 1950/1960 que expunham a “ideia de inserção social através dos direitos, como a educação”. Mas também as marcas das relações sociais e o espírito comunitário no fazer comum, como

[...] organizando as festas juninas – fazer bandeirinhas, preparar a fogueira, os balões, ajudar nas compras e preparo das comidas – os blocos carnavalescos auto-organizados, os times e torneios de futebol, os jogos de botões, de bolas de gude, soltar pipa e balões assim como a convivência de ajuda mútua de tomar emprestado ou emprestar o sal, o açúcar, enfim, o necessário para viver de acordo com as circunstâncias, além de cuidar dos filhos dos vizinhos ou ficar na casa dos vizinhos, as mudanças frequentes de vizinhos, não raro provocadas por despejos judiciais, cenas que acompanhava com tristeza e que me marcaram (Porto-Gonçalves, 2017, p. 3)

Essas características de formação pessoal foram, ao longo dos anos, se somando aos Encontros com pessoas e grupos/classes sociais e as geografias com seus lugares, espaços, regiões, territórios e paisagens para conformar as suas características intelectuais. Entre esses encontros destacamos o com a professora Luitgarde Cavalcanti, que em suas aulas de Antropologia na UFRJ, aprendeu que “a riqueza maior da humanidade é a sua diversidade” e, por isso, a “necessidade da crítica ao etnocentrismo e ao racismo” (aqui pode-se acrescentar outras formas de discriminação e opressão); e com seu mestre Orlando Valverde que, em seu estágio realizado no IBGE, foi introduzido ao pensamento marxista, teve estimulada a sua aguda intuição, o respeito pelos saberes subalternizados e a sua paixão pela

Amazônia, pelo Brasil e pela questão agrária. Paixão... um sentimento tão potente e tão presente em seu ser que o leva a nomear seu primeiro livro como *Paixão da Terra: ensaios críticos de Ecologia e Geografia* (1984).

Ao longo da sua *geobiografia* vemos que outros eventos também são fundamentais para a sua formação. Como o ocorrido em Ponta Grossa dos Fidalgos em 1976, quando estudantes de Campos dos Goytacazes (RJ), em meio a um contexto de afirmação das oligarquias latifundiárias de cana-de-açúcar a partir do programa Proálcool, envolveram-no em uma experiência com os pescadores da Lagoa Feia⁴. Como ele narra:

Como sempre ocorrera com esses projetos de acumulação e conquista territorial não foram poucos os conflitos e não foram poucas as tensões de territorialidades como, mais tarde, eu haveria de nomear essas conflitividades. Meus alunos da disciplina de Geografia Humana no curso de História da Faculdade de Filosofia de Campos, onde eu trabalhava naqueles idos de 1976, vieram me buscar para que eu fizesse um relatório que ajudasse a defesa dos camponeses – agricultores e pescadores – do distrito de Ponta Grossa dos Fidalgos, cujos principais líderes estavam, naquele momento, presos por lutarem contra uma obra que aprofundava o canal de Barra do Furado que comunicava a Lagoa Feia com o mar. O aprofundamento desse canal fazia com que a água da Lagoa Feia vazasse e, assim, diminuía a área da lagoa e ampliava a área disponível para o cultivo de cana-de-açúcar que se expandia estimulada pelo Proálcool. Os agricultores-pescadores que antes tinham acesso à lagoa nas imediações de suas casas passavam a ter que percorrer distâncias cada vez maiores para acessas seus barcos e poder pescar.

Meus estudos para tal relatório acerca daquela lagoa revelaram, através de fotografias aéreas que,

⁴ Esse evento, em especial, também aparece no capítulo *Espaço e luta: o amargo mel de Campos* do seu livro *Paixão da Terra*.

em apenas 8 anos, entre 1968 e 1976, a área da Lagoa Feia diminuíra de 350 km² para 172 km², ou seja, a lagoa perdera mais de 50% de sua área. [...] Ali me vi implicado, pela primeira vez, diretamente num conflito na condição de profissional de Geografia (Porto-Gonçalves, 2017, p. 18-19).

O segundo evento começa a ser narrado quando, entre os anos de 1980 e 1990, convive e aprende com “os grupos sociais em situação de subalternização em luta para superar essa condição” a ler a Amazônia, tanto na perspectiva dos de dentro, quanto na perspectiva dos de fora.

O domínio desse discurso acabou resultando na sua tese de doutorado e em seu livro *Geografando nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a Reserva Extrativista)* (1998 e 2003). Vale registrar que seu ingresso no doutorado só ocorreu porque via na educação uma forma de alcançar melhores condições financeiras para oferecer à sua família melhores condições de vida, não por status social ou acadêmico. Até por isso produziu sua tese sobre a sua vivência com os seringueiros, pois como alertado por Lia Osório Machado (sua orientadora no Doutorado), já possuía o domínio do discurso sobre a Amazônia em dupla perspectiva.

Assim, entre tantas riquezas, esse Encontro marca

a ruptura do paradigma que separa natureza e sociedade haja vista que a RESEX implica o reconhecimento do notório saber das populações acerca das condições materiais de produção-reprodução da vida. Através das RESEXs se politiza a natureza e a cultura através das relações sociais e de poder na apropriação e controle do espaço, enfim, tensão de territorialidades conforme registra o título da tese. Com isso se ratificava o que havia aprendido com os camponeses-agricultores-pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos, em Campos dos Goytacazes, em 1976, em

situação de conflito. Mas aqui uma nova luz se abriu para que eu começasse a superar a ambiguidade entre o ativista e o geógrafo (Porto-Gonçalves, 2017, p. 26).

Ou então a partir da 1ª Marcha por la Vida, la Dignidad y el Territorio, ocorrida em 1992, e que desde então passou a acompanhá-lo em suas falas e trabalhos, levando-o a um aprofundamento de sua *Geo-grafia*, pois

Para um geógrafo preocupado com uma geografia com centralidade nos processos sociometabólicos e com protagonismo dos grupos/classes sociais em situação de subalternização em busca de um espaço (um mundo) relativamente mais justo e relativamente mais democrático, para me apropriar de expressão consagrada por I. Wallerstein, o contexto não poderia ser mais alvissareiro. E a tese reivindicada por Milton Santos de que o espaço é acumulação desigual de tempos que nos traz a mesma inspiração de Marc Bloch da “contemporaneidade do não coetâneo” se fazia presente com os campesíndios/indigenatos com esses outros tempos falando através desses lugares marginais (Porto-Gonçalves, 2017, p. 29).

O profissional formado de relações: preocupação e cuidado com as pessoas sendo refletido por diferentes temáticas

Ao longo de sua obra conseguimos observar como as relações supracitadas se fazem presente e se misturam com as suas influências acadêmicas para a construção de uma abordagem única. Por conta disso, entendemos que antes do geógrafo-militante, ou do geógrafo da ação, vemos nos trabalhos de Carlos um geógrafo do afeto, pois a todo o momento seus textos, suas falas, suas interações mostram a sua preocupação com as pessoas e a sua incansável tentativa de construir “novas relações humanas, sociais, políticas, ecológicas” (CPT, 2023).

É nessa mistura que vemos Carlos partir *Da Geografia às Geografias* para apontar um *mundo em busca de novas territorialidades* (2002), apontar *A territorialidade seringueira* para construir uma relação entre a *Geografia e movimento social* (1999). Indicar a *Amazônia enquanto uma acumulação desigual de tempos* para ser uma das suas formas de *contribuição para a ecologia política da região* (2015). Ou então utilizar do Projeto de Perenização da Hidrovia dos Rios das Mortes, Araguaia e Tocantins para dizer que “*Navegar é preciso; viver não é preciso*” (2000), destacando ainda mais os conflitos entre mundos que por anos foi sendo estudado por ele e tem suas marcas na *Geografia da violência do campo brasileiro* (2006a). Enfim, todos esses trabalhos refletem bem a sua aguda intuição e seu envolvimento ativista (Haesbaert, 2024), mas para além disso, deixam claro que a sua preocupação e o seu cuidado para com as pessoas era o horizonte que o levava a refletir sobre a realidade e lhe possibilitava buscar alternativas para a superação das condições de vulnerabilidade que estavam sendo impostas.

Assim, Carlos se multiplicava, transformava a sua *geo-grafia* em *geo-grafias*. Inquieto como ninguém, transitava por temáticas e autores distintos para criar suas próprias interpretações. Muitas vezes me perguntava “de onde ele tirou essa conexão?”, pois eram tão improváveis e tão certeiras as relações que fazia que me via desconcertado e buscava conversar com amigos próximos para saber se eles estavam sentindo a mesma coisa. Mais uma vez, o passar do tempo me mostrou que muitos dos que conviviam com ele se faziam a mesma pergunta, independente do “status acadêmico”. Era o encantamento produzido por Carlos...

Foi esse encantamento que o fez ser associado à Geografia dos Movimentos Sociais, à Geografia da América Latina, à Geografia

Agrária, à Ecologia (Política), ao pensamento descolonial, à Geografia da Saúde, à Geografia Política, às Geografias de Gênero, às Geografias da questão racial, à Geografia Física, à Geografia Humana, à Antropologia, à Sociologia, às Ciências Sociais, à Economia, à Geografia da Amazônia, à Geografia do Cerrado, à Geografia brasileira!

A Geografia, de fato, se transformou com Carlos. Pela sua busca por uma “teoria social crítica” nos mostrou que a nossa ciência estava em crise e por isso *Viva a Geografia!* (1978), levantou o questionamento se a *organização do espaço era um objeto de estudo ou objeto de desejo?* (2020; inédito), avançou na questão sobre o espaço e o poder pelas *utopias* e pelo *topoi* (2021a) e chegou a uma *Geograficidade do social* como mais uma forma de contribuir *para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina* (2006b).

Assim, nos ensina que para

[...] além dos limites entre as ciências, cada uma com seus territórios rígidos de conhecimento, devemos estar atentos para outros conhecimentos até aqui considerados numa hierarquia inferiorizante (como o caso das ciências humanas diante das ciências naturais; da filosofia e da arte diante da ciência) e, indo um pouco além, devemos atentar, também, para outros conhecimentos produzidos por outros protagonistas com outras matrizes de racionalidade (Porto-Gonçalves, 2002, p. 246).

Pois “nossa experiência antropofágica de produzir conhecimentos foi capaz de reunir o que na Europa ficou separado” (Porto-Gonçalves, 2021b) e nos ensina que a luta pela Vida, pela Dignidade e pelo Território indicam que “a Vida não pode ser pensada fora da natureza”, que “a Dignidade é um reclamo ao respeito à sua condição de outro como ser digno” e o “Território como

categoria que reúne natureza e cultura através das relações de poder sobre as condições materiais da vida” (Porto-Gonçalves, 2021b).

Das referências à continuidade: o afeto multiplicado e multiplicando

Apontar as referências de Carlos, em meio a vasta influência literária que ele possuía, é reconhecer que haverá limitações. Por conta disso, buscarei aqui me apoiar em três autores que, ao longo de nossa relação, permearam os diálogos e os ensinamentos passados por ele e, em algum grau, acredito que refletem esse lugar de cuidado nutrido por Carlos ao longo de sua vida: Josué de Castro, Piotr Kropotkin e Orlando Fals Borda.

Desde que ingressei no LEMTO⁵, em 2017, enxergo Josué de Castro como a figura que mais me uniu ao Carlos. Como era habitual, Carlos provocava os integrantes do laboratório com temáticas que gostaria de se debruçar mais, e as produções de Josué, aos poucos, foram se tornando mais frequentes em nossas conversas. Compartilhávamos uma admiração pelo autor, ele abordando que tinha Josué como uma das suas referências e achando que o autor não era bem trabalhado na Geografia e eu, num anseio da juventude, querendo descobrir mais de um autor que foi determinante para a escolha da Geografia como curso de graduação.

Nas inúmeras conversas que tivemos sobre Josué fui vendo como Carlos se encantava pelo fato de um médico ter vindo buscar na Geografia as chaves para a compreensão do sofrimento das pessoas, expressado e materializado pela fome. Era como se fosse uma confirmação do papel social que a Geografia tem e um estímulo

⁵ Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades.

para continuar avançando. Assim, aos poucos, fui convencido de que a melhor maneira de compreender a sua obra era por meio da sua vida.

Direta, ou indiretamente, essas conversas pesaram no momento em que passei a me virar para a Geografia da Saúde como o meu campo de entrada para entender e produzir Geografia, ao mesmo tempo em que reforçava as nossas discussões em torno do metabolismo basal, que tanto o chamavam a atenção e que acabamos traduzindo como

Entre suas diversas contribuições destacamos aqui o seu conceito de metabolismo basal que, talvez, seja uma das principais formas de enxergarmos o diálogo entre suas duas formações (médica e geográfica). Para ele, esse metabolismo indicava as condições de equilíbrio dinâmico dos corpos derivado das condições sociais e ambientais. Em outras palavras, esse metabolismo basal deve ser entendido como o balanço de energia dissipada e a reposição (ou não) pela ingestão de alimentos (com seus diferentes níveis nutritivos: calorias, proteínas, carboidratos, lipídios, minerais e vitaminas), ou seja, um balanço energético-calórico sobre o que o corpo adquire e utiliza ao longo do dia, da semana, do mês, do ano, da vida. Embora pareça um conceito biológico e pragmático ele não deve ser restringido a tal, pois Josué já apontava que as condições de moradia e/ou de trabalho estão diretamente relacionadas com a possibilidade da pessoa ingerir (ou não) alimentos e, assim, conseguir repor a carga metabólica para o seu corpo poder continuar desempenhando as suas funções vitais (sejam elas biológicas ou sociais) (Rocha, 2021, p. 41).

Hoje percebo algumas similaridades entre Josué e Carlos. Josué, por ser médico de origem, produzia uma Geografia que ao final poderia ser utilizada como uma “receita médica” para curar o mal que afligia determinada população/determinado território. Carlos, por sua vez, também buscava alguma saída para pôr fim às aflições

que atingiam determinadas populações/determinados territórios. Ambos cuidavam das pessoas e mostraram a Geografia como uma ciência do cuidado.

Piotr Kropotkin, por sua vez, passa a se fazer presente em nossas conversas através da sua *ajuda mútua* (ou *apoio mútuo*, dependendo da tradução) (2009). Lembro bem de Carlos falando que Kropotkin era um admirador de Darwin e que afirmava que as pessoas não tinham lido Darwin da maneira correta, que o que autor queria apontar como fator da evolução das espécies não era a competição e sim a cooperação, a ajuda mútua.

Por conta disso, *Ajuda mútua* (ou *Apoio mútuo*) (2009) era um livro que ele sempre me indicava a ler, pois falava que ali Kropotkin buscava apresentar o discurso neo-maltusiano (e darwinista social) como mais uma espécie de justificativa para as ações de opressão, subalternização, exploração e dominação dos povos. Afinal, a competição era algo natural e se a seleção natural indicava a existência de uma “lei do mais forte”, a competição capitalista seria só mais uma vertente de uma “lei da natureza”. Contudo, tal qual Kropotkin, o que mais interessava Carlos era a ajuda mútua, pois é ela que “assegura e conserva a existência”.

Enquanto o russo descrevia formas de ajuda mútua observadas no mundo animal e formas de cooperação social ao longo da história do homem para assegurar sua tese, Carlos ia se encontrando com os escritos quando trazia as teses para a nossa realidade, para as formas de interação e cooperação realizadas pelos movimentos sociais como o melhor caminho para a sobrevivência. Ou quando destacava em nossas cabeças experiências comuns do nosso dia a dia, como o ato de “tomar emprestado o sal, o açúcar” – como descrito por

ele em páginas anteriores. O cuidado e o afeto sob as vestes da coletividade...

Assim, Carlos indicava o seu senso de coletividade como horizonte científico, social e humano para enfrentar as mazelas diárias de nosso mundo.

Por fim, Orlando Fals Borda e o seu conceito/ideia de *sentipensar* (ou da pesquisa *sentipensante*). Dos autores aqui mencionados, Fals Borda talvez seja o que mais tenha sido citado por Carlos ao longo de sua obra. De igual modo era, dos três, o que mais aparecia nas reuniões gerais do LEMTO como uma indicação para as nossas pesquisas. Lembro que quando mencionava Fals Borda, Carlos realizava um involuntário ritual. Primeiro destacava “um sociólogo colombiano” que em sua obra ensinava uma maneira diferente de ser em meio a pesquisa/a conjuntura/a vida. Logo na sequência dizia para ficarmos atentos ao que esse sociólogo chamou de *sentipensar*, uma forma de “pensar com o coração e sentir com a cabeça”. Por fim, mencionava seu nome “Orlando Fals Borda. F-A-L-S B-O-R-D-A”. O ritual finalizado com o ato de soletrar o sobrenome do autor era, com certeza, sua forma de transmitir a sua atenção e o seu cuidado para que não perdêssemos um detalhe sequer do conceito/ideia tão fundamental para ele e de onde encontraríamos.

Consultando Fals Borda, percebo que o conceito nasce do contato do colombiano com a cultura ribeirinha, mais precisamente dos povos do rio Grande de La Magdalena, e se associa à figura do “Homem-Hicotea” (Moncayo, 2015). Por essa figura, entende-se que o ser *sentipensante*, corresponde àquele que combina a razão e o amor, o corpo e o coração para se livrar de todas as (más) formações que limitam e impedem a harmonia e a verdade. Mas, para além disso, significa também ser resistente diante dos reveses da vida,

saber superar as dificuldades, pois respeita os tempos, espera. O exemplo da *hicotea*⁶ é fundamental, afinal, no verão é o tempo de dormir e nos tempos úmidos o momento de voltar a vida com igual ou mais energia dos tempos chuvosos de antes (Moncayo, 2015).

Por meio desses autores, entendo que Carlos reforçou uma característica que era natural dele: o afeto. Mas para além disso, o ajudou a *sentipensar* uma Geografia pautada na *ajuda mútua* e que servisse como uma saída (ou horizonte) para a superação das condições de vulnerabilidade. Essa Geografia, por sinal, passou a ser o horizonte de sentido que ele construiu no LEMTO e se refletiu para que a figura do orientador passasse a ser a figura do amigo, do familiar.

Carlos nos mostrou que os aspectos da formação social são tão importantes para a produção científica quanto para a nossa vida em sociedade, afinal a Academia também é parte da vida em sociedade. Assim, a generosidade, o respeito, a atenção, o afeto e o cuidado se tornaram elementos cruciais para a construção de um ambiente único como o LEMTO. As palavras de Pedro Quental a seguir nos mostram um pouco do sentimento que nós, lemtos, tínhamos ao conviver com o nosso território.

Era incrível, porque Carlos sempre nos tratou como reais interlocutores. Estabelecia conosco um diálogo sempre de igual para igual, com profunda atenção e escuta às informações que trazíamos dos levantamentos realizados. Compartilhava conosco todo o seu conhecimento: suas aprendizagens e vivências junto aos movimentos sociais da Amazônia, do Cerrado, da América Latina, as leituras fundamentais em sua formação, assim como as leituras mais recentes. [...] Carlos sempre

⁶ Em tradução livre poderíamos chamar de tartaruga, mas de acordo com Elizabeth Ramos (s/d) *hicotea* significa uma espécie de tartaruga que é encontrada na Colômbia e representa um elemento de tradição e identidade social para os povos do Baixo Magdalena.

ressaltava o quanto aprendia conosco, jovens estudantes de iniciação científica com seus vinte e poucos anos de idade. Sempre nos dizia sobre a importância dessas reuniões e interlocuções para suas formulações e reflexões. Coordenava o trabalho do laboratório sempre com grande entusiasmo. Generosidade, rigor, afeto, paixão e compromisso ético-político foram marcas do seu trabalho sempre em coletivo. E isso ele também nos ensinava a cada encontro.⁷

Há uma distância temporal entre o período vivido por Pedro Quental e o período vivido por mim no laboratório. Pedro fez parte da primeira turma de graduação formada pelo LEMTO, eu fiz parte de uma das últimas (talvez a última). Mesmo assim, as experiências descritas por ele foram as mesmas vividas por mim. Por isso, ao nos formarmos na graduação nos des-territorializamos para nos re-territorializarmos (Haesbaert, 2016) em outra parte da América Latina para tentar continuar sendo o que aprendemos com Carlos.

Considerações Finais

As relações com Carlos me fizeram perceber que uma Geografia outra é, na verdade, uma Geografia do afeto, da coletividade, da relação. E que essa Geografia é o reflexo de quem somos.

É possível produzir ciência sem estar preso às métricas acadêmicas e ao predatismo departamental. Apenas sentindo e estando atento à realidade. É por meio do sentimento, do nosso corpo, que a Geografia deixa de ser ciência e passa a ser verbo, *geografar*. Assim, assume a perspectiva de representar as nossas ações (as nossas marcas – *grafia* – que deixamos na Terra – *Geo*).

⁷ Em uma mensagem pessoal enviada a família e amigos.

Se desejamos construir uma *Geo-grafia* do afeto devemos, então, *sentipensar*, ouvir, respeitar, se relacionar, cuidar. Isso sem esquecer que somos natureza ao mesmo tempo em que somos parte dela. É necessário valorizar o outro, afinal todos somos produtores de conhecimento! É necessário amar, pois esse é o principal horizonte de sentido da vida.

O dia 6 de setembro de 2023 marca uma mudança para a Geografia brasileira. É o dia em que Carlos realizou mais uma de sua *Geo-grafia* e se ancestralizou (Bruno Malheiro), passando a viver em cada um de nós que pôde conviver com ele, que admira a sua obra, que se inspira em sua trajetória, que vive para fazer a diferença. Como ancestral, continua nos ensinando que devemos merecer ser filhos da Terra, que devemos ter Paixão pela Terra, pela Vida! Devemos refrear a aceleração de nossas indignações para garantir o tempo dos mais lentos. Mas, sobretudo, que devemos nutrir uma Geografia do olho no olho, do abraço, do carinho, da partilha, da comunhão, do cuidado e do afeto.

Referências

CPT. Comissão Pastoral da Terra Nordeste II, 2023. Nota de pesar – Carlos Walter Porto-Gonçalves, presente! Hoje e sempre! Disponível em <https://cptne2.org.br/noticias/noticias-por-estado/6140-nota-de-pesar-carlos-walter-porto-goncalves-presente-hoje-e-sempre>.

Acessado em 01 jul. 2024.

HAESBAERT, Rogério. Carlos Walter Porto-Gonçalves, geografia como verbo: paixão da terra que, pelos “de baixo”, se faz território. *Journal of Latin American Geography*, v. 23, n. 1, 2024.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua**: um fator de evolução. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009

MONCAYO, Victor Manuel. Presentación. Fals Borda: Hombre hicotea y sentipensante. In. MONCAYO, Victor Manuel (org.). **Orlando Fals Borda: una sociología sentipensante para América Latina**. México, D. F: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Amazônia enquanto acumulação desigual de tempos: uma contribuição para a ecologia política da região, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 107, p. 63-90, 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geografia da Violência do campo brasileiro: O que dizem os dados de 2003. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 75, p. 139-169, 2006a.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geografia está em crise. Viva a Geografia! **Boletim Paulista de Geografia**, n. 55, p. 5-30, 1978. Disponível em <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1050>.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Três Lagoas**, Três Lagoas, v. 1, n. 3, p. 5-26, 2006b.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. In.: LANDER, Edgardo (org.). **Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A territorialidade seringueira. Geografia e movimento social. **GEOgraphia**, n. 2, 1999.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Da Geografia às Geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In.: CECENÑA, Ana Esther; SADER, Emir (orgs.). **La guerra infinita: hegemonía y terror mundial**. Buenos Aires: CLACSO/ASDI, 2002.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De utopias e de topoi: espaço e poder em questão (perspectivas desde algumas experiências de lutas sociais na América Latina). In.: LÓPEZ, Pabel; BETANCOURT, Milson (orgs.). **Conflictos territoriales y territorialidades en disputa: re-existencias y horizontes societales frente al capital en América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021a.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Geografando nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à**

territorialidade seringueira (a reserva extrativista). Brasília: Edições IBAMA, 2003.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Geografando nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a reserva extrativista). Tese (Doutorado em Geografia). Rio de Janeiro. UFRJ, 1998.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Organização do espaço: objeto de estudo, objeto de desejo. In.: LIMONAD, Ester; BARBOSA, Jorge Luiz. **Geografia**. reflexões, leituras, estudos. São Paulo: Max Limonad, 2020.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Organização do espaço geográfico: objeto de estudo ou objeto de desejo? A Geografia se libertando do Estado que nos pariu. (inédito)

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Outros horizontes para a Geografia: Pela vida, pela dignidade e pelo território. In. CATTANEO, Dilermando; CÂMARA, Marcelo; SILVEIRA, Renata (orgs.). **Geografias das r-existências**. Ponta Grossa: Monstro dos Mares, 2021b.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Paixão da terra**: ensaios críticos de Ecologia e Geografia. Rio de Janeiro: SOCII, 1984.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Uma Geobiografia Teórico-Política: em busca de uma teoria social crítica a partir da Geografia. Memorial (Professor Titular em Geografia). Niterói. UFF, 2017.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. “Navegar é preciso; viver não é preciso”: estudo sobre o Projeto de Perenização da Hidrovia dos Rios das Mortes, Araguaia e Tocantins. **Terra Livre**, São Paulo, n. 15, p. 167-213, 2000.

RAMOS, Elizabeth. Departamento de Antropología – Universidad de los Andes. La tortuga hicotéa: entre la tradición y la extinción. Disponível em <https://cienciassociales.uniandes.edu.co/antropologia/articulos/la-tortuga-hicotéa-entre-la-tradicion-y-la-extincion/>. Acessado em 04 jul. 2024.

ROCHA, Pedro Henrique. A saúde como elemento geográfico. Mas de qual Geografia? 2021. Monografia (Graduação em Geografia). Niterói. UFF, 2021.

Submetido em 04/10/2024

Aceito em 21/01/2025